

ENTRE O TRAUMA, A ARTE DO ESQUECIMENTO E O PERIGO DA HISTÓRIA ANTIQUADA EM NIETZSCHE

David Angelo Oliveira Rocha²

RESUMO: Este artigo investiga o problema do excesso de informações sobre fatos passados, como obstáculo à vida criadora na filosofia de Nietzsche, a partir da crítica à história antiquada apresentada em *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Parte-se da seguinte questão: Como a doença histórica e o excesso de informações, manifestados especialmente no ponto de vista antiquado, tornam o passado um fardo traumático que paralisa a capacidade de ação e criação do homem moderno? A hipótese defendida é que Nietzsche propõe uma terapêutica baseada no ‘não-histórico’ e na ‘arte do esquecimento ativo’, sugerindo que a saúde da vida depende da capacidade de traçar horizontes limitados e de construir uma ‘segunda natureza’ que supere os erros herdados. Nesse horizonte, como alternativa emancipatória, é preciso saber esquecer para criar, não se submetendo à história como dado imutável, mas transfigurando-a. O objetivo geral é analisar a crítica de Nietzsche ao ponto de vista antiquado na segunda *Consideração Extemporânea*, investigando como o domínio da história pela força plástica da vida permite a transfiguração do saber em ação criadora. O método adotado é estruturalista, com base na leitura filosófica da obra de Nietzsche, complementada por intérpretes. O artigo oferece uma ferramenta crítica para lidar com a saturação informacional contemporânea, propondo que o valor do conhecimento deve ser medido por sua capacidade de potencializar a vida, e não pelo acúmulo estéril de dados.

Palavras-chave: Nietzsche; trauma; história antiquada; esquecimento; criação.

RESUMEN: Este artículo investiga el problema del exceso de información sobre hechos pasados como obstáculo para la vida creadora en la filosofía de Nietzsche, partiendo de la crítica a la historia anticuaría presentada en *Sobre la utilidad y el perjuicio de la historia para la vida*. Se parte de la siguiente cuestión: ¿Cómo la enfermedad histórica y el exceso de información, manifestados especialmente en el punto de vista anticuario, convierten al pasado en una carga traumática que paraliza la capacidad de acción y creación del hombre moderno? La hipótesis

² Psicanalista e doutorando em Filosofia pelo PPGF-UFS (2024-). Contato: davidfenix2010@gmail.com.

defendida es que Nietzsche propone una terapéutica basada en lo «no histórico» y en el «arte del olvido activo», sugiriendo que la salud de la vida depende de la capacidad de trazar horizontes limitados y de construir una «segunda naturaleza» que supere los errores heredados. En este horizonte, como alternativa emancipatoria, es preciso saber olvidar para crear, no sometiéndose a la historia como un dato inmutable, sino transfigurándola. El objetivo general es analizar la crítica de Nietzsche al punto de vista anticuario en su segunda *Consideración Extemporánea*, investigando cómo el dominio de la historia por la fuerza plástica de la vida permite la transfiguración del saber en acción creadora. El método adoptado es estructuralista, basado en la lectura filosófica de la obra de Nietzsche, complementada por intérpretes de su filosofía. El artículo ofrece una herramienta crítica para lidiar con la saturación informacional contemporánea, proponiendo que el valor del conocimiento debe medirse por su capacidad para potenciar la vida y no por la acumulación estéril de datos.

Palabras clave: Nietzsche; trauma; historia anticuaría; olvido; creación.

Introdução

O que é um homem que não consegue ter lembranças? Por um lado, sob a perspectiva psicológica, seria alguém que provavelmente sofre de mal de Alzheimer ou apresenta o transtorno mental da psicopatia. Por outro lado, o excesso de lembranças que atormentam o homem no presente caracteriza o trauma, ou seja, um excesso de carga emocional ocorrido em algum momento da vida, mas que nem virou passado, nem foi digerido no presente. Servimo-nos disso para ilustrar que um homem sem lembranças, sem saber do seu próprio passado e sem habilidade para digeri-lo, adoece, seja pelo excesso de ausência, seja pelo excesso de ruminação de memórias no presente.

O voltar ao passado, através das narrativas que compõem a história, tem em vista dizer quem sou eu, o que devo fazer e o que devo me tornar. Acontece que essa exaltação ao passado pode levar a uma diluição do homem, na qual ele deixa de narrar sua própria história para reproduzir, de forma servil e obediente, o que lhe ensinaram e doutrinaram sobre o que ele deve dizer sobre si mesmo. Esta doutrinação, que leva a dizer “sou assim porque disseram que sou assim”, é uma doença instalada nas engrenagens da cultura e da civilização.

Nietzsche não perde de vista as duras críticas sobre a cultura alemã de sua época. Isso já aparece em sua obra de estreia, *O Nascimento da Tragédia*, e vai ganhando uma crítica mais

mordaz com as publicações das chamadas *Considerações Extemporâneas (Unzeitgemässe Betrachtungen)*, que ocorrem a partir de 1873: *Considerações Extemporâneas I: David Strauss, o devoto e o escritor* (1873); *Considerações Extemporâneas II: Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*³ (1874); *Considerações Extemporâneas III: Schopenhauer como educador* (1874) e *Considerações Extemporâneas IV: Richard Wagner em Bayreuth* (1876). O que Nietzsche entende por cultura nesta sua primeira fase intelectual?⁴

O termo *Kultur*, para designar cultura no sentido alemão, remete ao “conjunto dos saberes, ideais das crenças, dos hábitos e dos gostos comuns a uma sociedade. É este o sentido da palavra alemã *kultur*” (LEFRANC, 2011, p. 283). A cultura, ao ver de Nietzsche, é um conjunto de valores estabelecidos pelo homem ao longo da história; ela não se reduz apenas ao saber histórico sobre os fatos do passado, mas à intensidade dos valores que conseguiram ultrapassar as épocas e ainda moldam o homem do presente. O valor, para Nietzsche, é uma criação humana que expressa um ponto de vista, uma interpretação que cria uma crença tomada por verdadeira em relação à origem do mundo, ao surgimento do homem na terra e até mesmo sobre sua pós-morte. Este valor, pela perspectiva da verdade imutável que anula a ação do devir, algo que deveria ser inserido por aqueles que vasculham o passado, adoece o homem, tornando-o escravo de valores pela obediência ligada à tradição e aos costumes.

Se, por um lado, o homem sem passado adoece porque não tem “matéria-prima” para se criar, o homem excessivamente preso ao passado adoece porque para de “tornar-se”, transformando a si mesmo em um objeto morto. O devir é a condição de tudo o que vive. Para Nietzsche, nós não somos; nós estamos nos tornando a cada instante. Nesse sentido, a distinção entre história como ciência e história como narrativa nos leva a entender a visão ambivalente sobre a expressão “cultura histórica”:

A história, considerada como ciência pura tornada soberana, seria, para a humanidade, uma espécie de conclusão e balanço da vida. A cultura histórica, em contrapartida, só é benfazeja e cheia de promessas para o futuro quando caminha ao lado de uma poderosa e nova corrente da vida, uma civilização prestes a se formar, portanto, unicamente quando é denominada e conduzida por um poder superior e quando ela própria não domina e não conduz (HV, §2).

³ Doravante, será simbolizado pela sigla HV.

⁴ Conforme observa Scarlett Marton, a recepção da obra de Nietzsche é marcada por uma tensão interpretativa: enquanto comentadores como “Heidegger, Granier, Jaspers e Deleuze, Kaufmann e Schacht” (MARTON, 1990, p. 24), tendem a dispensar uma divisão cronológica, outros segmentam sua produção em fases distintas. Esta pesquisa adota a orientação de Marton, reconhecendo três etapas na trajetória intelectual do filósofo: a primeira (1870–1876), a segunda (1876–1882) e a terceira (1882–1888). Nesse sentido, o presente trabalho concentra-se na primeira fase, período ao qual pertence a *Segunda Consideração Extemporânea*, sem prejuízo de recorrer a obras posteriores para fins de cotejamento e esclarecimento conceitual.

A história, considerada como ciência pura tornada soberana, seria, para a humanidade, uma espécie de conclusão e balanço da vida. A cultura histórica, em contrapartida, só é benfazeja e cheia de promessas para o futuro quando caminha ao lado de uma poderosa e nova corrente da vida, uma civilização prestes a se formar, portanto, unicamente quando é denominada e conduzida por um poder superior e quando ela própria não domina e não conduz.

Para Nietzsche, a cultura histórica não deve ser compreendida como um conceito estático, mas como uma força ambivalente que atua diretamente sobre o vigor da existência. Ao analisar a história, o filósofo estabelece uma distinção crucial entre a sua forma científica e a sua função vital. A história considerada como ciência pura e soberana representa para Nietzsche o auge da erudição estéril, onde o conhecimento do passado se desvincula das necessidades do presente. Nessa perspectiva, o homem moderno torna-se um “enciclopedismo ambulante”, acumulando fatos e datas como relíquias em um depósito mental que, longe de impulsionar a ação, acaba por paralisar a vontade. O que o filósofo critica severamente é essa objetividade científica que trata o passado como um balanço final da vida; ao enxergar a história apenas sob o prisma da catalogação, a humanidade adoece por um excesso de ruminação teórica que não serve para transformar a realidade ou potencializar a vida no agora.

Em contrapartida, Nietzsche vislumbra uma cultura histórica benfazeja, que deixa de ser um fim em si mesma para se tornar uma ferramenta narrativa e interpretativa a serviço do devir. Diferente da erudição que mumifica o passado, essa compreensão dual exige que o conhecimento seja dominado e conduzido por um “poder superior”, que é a própria força criativa da vida. Aqui, a história não busca uma verdade fria e absoluta, mas seleciona e interpreta os eventos passados para que sirvam de alicerce a uma civilização que ainda está por vir. A cultura e civilização não são sinônimos para Nietzsche. Se, por cultura ele entende o conjunto de valores que podem potencializar ou enfraquecer o homem, civilização, era um termo francês *civilisation* que entra na linguagem alemã como oposto a cultura⁵:

a noção de civilização está, pois, ligada à de progresso, de um progresso universal [...]. A civilização aparece então como a fase final da evolução de uma cultura, quando ela se torna rígida, esclerosada, quando o mecânico prevalece sobre o vivo e dá lugar a um sistema de racionalização (LEFRANC, 2011, p. 283-284).

A definição de civilização apresentada por Lefranc, ao caracterizá-la como uma fase de esclerose onde o mecânico prevalece sobre o vivo, serve como ponto de partida preciso para compreender a crítica de Nietzsche em HV. Para Lefranc, a civilização sofria da racionalização

⁵ A distinção entre cultura e civilização encontra respaldo no fragmento póstumo 16 [10], redigido na primavera de 1888.

histórica que transformava o passado em um acúmulo de dados mortos, asfixiando a força plástica da vida. Ao situarmos esta pesquisa no recorte do ponto de vista antiquado, percebemos que a patologia da civilização reside justamente nessa conservação acrítica. A pessoa antiquada, ao mumificar o passado, contribui para essa rigidez, pois não busca no ontem um impulso para o amanhã, mas sim um abrigo contra as incertezas do devir.

Essa constatação conduz ao problema central desta investigação: Como a doença histórica e o excesso de informações, manifestados especialmente no ponto de vista antiquado, tornam o passado um fardo traumático que paralisa a capacidade de ação e criação do homem moderno? Quando o passado deixa de ser história para se tornar trauma, ou seja, uma carga emocional e intelectual não digerida que impede o florescimento do presente?

Diante desse impasse, a hipótese aqui defendida é que Nietzsche propõe uma terapêutica baseada no ‘não-histórico’ e na ‘arte do esquecimento ativo’, sugerindo que a saúde da vida depende da capacidade de traçar horizontes limitados e de construir uma ‘segunda natureza’ que supere os erros herdados. Nesse horizonte, diferente do antiquado que coleciona cinzas, o homem que aprendeu a arte de esquecer é aquele que possui a força para transfigurar a história; ele domina a arte do esquecimento ativo e da destruição criativa, não se submetendo ao passado como um dado imutável, mas utilizando-o como matéria-prima para a invenção de novos valores e novas formas de viver a vida.

Para que necessitamos da história?

O prefácio começa com a seguinte frase de Goethe: “De resto, detesto tudo o que só serve para me instruir sem aumentar minha atividade ou animá-la diretamente” (HV, p. 15). Tal citação serve como uma provocação para tratar justamente sobre “o valor e o não-valor dos estudos históricos” (HV, p. 15). Se o ensino e a história não contribuem para revigorar na vida do homem, o senso crítico, reflexivo e ético no presente, tornam-se um ensinamento pesado demais, pois não potencializam nem transformam a vida de quem os recebe.

Nesse sentido, Nietzsche deixa claro, logo no início de sua consideração, que o tom intempestivo, ou fora do comum para o contexto filosófico e filológico da época, visa reavaliar o porquê de se voltar ao passado e o que se pretende fazer com ele. Nietzsche não cai em um irracionalismo ou negacionismo sobre os estudos históricos, até porque ele mesmo os realizava constantemente em sua atividade como filólogo; contudo, defende que devemos nos servir da

“história para viver e para agir e não para nos desviarmos negligentemente da vida e da ação ou ainda para embelezar a vida egoísta e a ação desleixada e má” (HV, p. 15).

A advertência de Nietzsche funciona como um manifesto ético sobre a utilidade do conhecimento, estabelecendo que a história só possui valor legítimo quando se converte em meio para a potencialização da existência. Ao afirmar que precisamos da história para viver e agir, o filósofo denuncia a tendência da modernidade de transformar o saber histórico em um refúgio para aqueles que temem o presente ou em um ópio intelectual para o enciclopedismo estéril. Existe, nessa passagem, uma distinção fundamental entre o mero ato de encarar a história e o compromisso de fazer história de forma afirmativa. Encarar a história, sob a ótica do antiquado ou do erudito, resume-se a uma contemplação passiva e nostálgica, na qual o indivíduo utiliza o passado para ornamentar uma vida egoísta, sentindo-se culto por acumular informações enquanto sua capacidade de intervenção no mundo permanece atrofiada. Trata-se de um desvio negligente da vida, no qual o excesso de memória serve apenas como desculpa para a inércia e o conformismo.

Em contrapartida, fazer história de modo a afirmar a vida exige que o passado seja digerido e submetido às urgências do agora. Para Nietzsche, o homem de ação e o artista não buscam na história um arquivo morto, mas uma ferramenta de nutrição; eles olham para trás a fim de encontrar forças, modelos de grandeza ou até mesmo o que deve ser criticamente destruído para que o novo possa emergir. Assim, o conhecimento histórico deixa de ser um peso traumático que paralisa para se tornar ‘sangue e músculos’ voltados à criação.

Esta ação requer coragem para dominar o medo que inibe a superação no presente, rompendo com uma obediência cega e servil a um saber passado que não potencializa a vida, mas apenas a adoce. É necessária coragem, pois, ao mesmo tempo que o homem cultiva suas esperanças do passado para o presente, ele cultiva também novos medos. Se esse medo estiver hipertrofiado, pode desembocar no declínio da cultura e da civilização. Nesse sentido, o que Nietzsche escreve não parte de uma erudição seca em meio à penumbra de uma biblioteca empoeirada, mas de suas vivências (*Erlebnis*); parte da forma como ele se aproximou dos textos da Grécia clássica e conseguiu extrair um conhecimento inatual que serviu para lançar luz sobre a cultura e a civilização alemã, na esperança de proporcionar uma transformação dos valores por meio de suas críticas intempestivas.

No aforismo §1 de HV, temos como protagonista um rebanho. Nesse cenário campestre, observa-se um homem, imagem da espécie que se vê em uma hierarquia acima dos animais irracionais, que contempla esse rebanho e sofre nessa contemplação. Seu sofrimento consiste

na comparação entre ele e o animal⁶, “porque não podia aprender a esquecer e porque ficava sem cessar agarrado ao passado”. O que Nietzsche pretende ressaltar é que o sofrimento do homem reside na lucidez sobre o tempo (passado, presente e futuro). O tempo, de fato, devora o homem a todo instante e, devido a essa compreensão, o indivíduo pode quedar-se resignado ou agir. O que leva a afirmar ou negar a vida é a sua forma de interpretar o passado.

Segundo Nietzsche, existem três pontos de vista que levam à interpretação do passado: o monumental, o antiquado e o crítico. O filósofo não pretende aniquilar essas interpretações, pois elas são úteis para afirmar a vida quando a inteligência reflexiva é bem utilizada. A história monumental estuda o passado com o intuito de imitar feitos grandiosos de heróis e monumentos; contudo, corre o risco de idolatrar o passado em vez de tê-lo como inspiração, baseando-se na ideia resignada de que “já existiu uma era sólida e resta-nos apenas repetir o que foi feito”.

O estudo antiquado, por sua vez, tem por objetivo conservar a tradição, fechando-se a qualquer novidade que fuja de seu controle. O passado é visto com zelo e fé, sendo sacralizado de modo que qualquer mudança nos valores é percebida como profanação. O excesso do ponto de vista antiquado torna-se puro conservadorismo: um apego doentio ao antigo simplesmente por sê-lo, congelando a vida presente em nome da preservação. Já o estudo crítico julga, de forma comparativa, o que é útil e inútil para o hoje. Contudo, por ser excessivamente rigoroso, pode cair em um pessimismo e ceticismo, resultando em um esgotamento no qual nada mais encanta o sujeito. O nosso recorte incidirá sobre o segundo tipo: o ponto de vista antiquado.

Palimpsestos e Polipestos

A pergunta fundamental que incomodava Nietzsche e reverbera em HV é: como sobreviver em uma época atolada em excesso de informações inúteis para a vida? É a partir do §3 que o filósofo dedica sua análise ao ponto de vista antiquado em relação ao passado. Servindo-se de uma narrativa para ilustrar essa postura, ele descreve o momento em que um

⁶ A pesquisa de Vanessa Lemm traz uma novidade sobre o valor dos animais dentro da filosofia de Nietzsche. Ela defende a tese de que os animais não são metáforas ou símbolos lançados sem propósito, mas surgem para trazer uma reinterpretação sobre valores dados como ‘normais’ pelo bicho-homem. Outra informação relevante é que Nietzsche, ao valorizar os animais, pretende provocar o homem moderno que se julga superior por ser racional. O homem carrega em seu interior um animal cruel e perverso que a racionalidade não torna necessariamente mais nobre, pois muitas ações humanas aproximam-se mais de atos inconscientes do que de escolhas movidas pelo livre-arbítrio. Cf. LEMM, Vanessa. *Nietzsche's Animal Philosophy: culture, politics and the animality of the human being*. New York: Fordham University Press, 2009.

homem retorna à sua terra natal e encontra tudo imutável: o pipoqueiro em frente à igreja, as festas populares, os costumes locais. Isso ocorre porque:

a história de sua cidade se torna para ele a história dele próprio. [...] Lá era bom viver, diz ele para si, pois, é bom viver; aqui vamos nos deixar viver, pois, somos tenazes e não nos vão abater numa noite. Com esses ‘nós’, ele olha para além da vida individual, perecível e singular a ele próprio se sente a alma do lar, da raça e da cidade (HV §3).

Este homem antiquado, com seu olhar voltado ao que veio antes, compara constantemente o presente ao passado, conferindo ao ontem um valor superior. Tal postura indica uma confiança quase acrítica nos valores herdados, sem questionar se ainda são relevantes ou justos para a atualidade. Sua identidade funde-se ao grupo, à raça e à tradição, manifestando-se pelo uso do ‘nós’; ele se percebe como parte de algo duradouro, uma extensão da comunidade. Ao mesmo tempo, demonstra uma resistência firme às transformações, utilizando as formas antigas como escudos contra as incertezas do devir.

O homem antiquado sente-se perdido ou confuso em seu próprio tempo pelo peso da obediência à tradição, o que o incita a olhar com desconfiança para o novo. Uma infelicidade em relação ao presente o leva a buscar refúgio e segurança na ancestralidade. Ele assemelha-se a um senhor que guarda com zelo uma casa antiga, mas não permite trocar sequer uma lâmpada queimada: preserva tudo como está, mesmo o que já não serve à vida, carregando o passado como uma relíquia sagrada sob uma devoção paralisante.

Nessa perspectiva, a interpretação do passado será sempre um ponto de vista, pois o historiador ou filólogo lida com fragmentos, vestígios e construções despedaçadas pelo tempo ou pela natureza. Trata-se de um “sentir e pressentir através das coisas; seguir pistas quase apagadas; instintivamente ler bem o passado, qualquer que seja o grau em que os caracteres são recobertos por outros caracteres, compreender os palimpsestos e até os polipsestos” (HV, §3). Enquanto o palimpsesto (do grego ‘raspado de novo’) refere-se a manuscritos reutilizados onde a escrita antiga reaparece sob a nova, simbolizando camadas históricas sobrepostas onde o passado ainda é visível sob o presente, o polipsesto (do grego *poly*, ‘muitos’) é uma variação conceitual que remete a estruturas com múltiplas camadas de informação simultâneas, editadas e reeditadas, como o genoma humano. Nietzsche sugere que o homem histórico carrega em si tantas camadas de interpretações e tradições sobrepostas que se torna um ‘texto’ quase ilegível. O risco desse excesso é a saturação: no polipsesto, a história torna-se uma confusão de camadas onde o ‘Eu’ presente desaparece sob o peso dos antepassados.

Nietzsche alerta que o sentido antiquado, embora necessário para dar raízes ao homem, torna-se perigoso quando não contribui para afirmar a vida. Se uma planta morre pela raiz, o

antiquado morre a partir das folhas: as ações cessam primeiro, para que depois morram as motivações. O indivíduo torna-se um colecionador de camadas velhas, um ‘polipsesto ambulante’ em vez de um criador: “Desse modo, a história antiquada impede a robusta decisão em favor do que é novo” (HV, §3). A citação de Nietzsche revela a face acolhedora desse sentido, onde o indivíduo encontra na história uma espécie de “âncora metafísica” que o protege do vazio da aleatoriedade:

O sentimento contrário, o prazer que liga a árvore a suas raízes, a felicidade que se prova ao não se sentir nascido do arbitrário e do acaso, mas saído de um passado – herdeiro, florescimento, fruto – o que escusaria e até justificaria a existência: é isso o que chamamos hoje, com certa predileção, sentido histórico (HV, §3).

No entanto, essa descrição serve de ponte para denunciar a inevitável miopia desse ponto de vista: ao identificar-se estritamente como o ‘fruto’ de uma raiz específica, o homem limita seu horizonte ao que é familiar, tornando-se incapaz de admitir a grandeza no novo. Esse horizonte estreito opera uma nivelção perigosa, onde o critério de importância é a mera antiguidade, sufocando a capacidade de agir no presente:

O sentido antiquado de um homem, de uma cidade, de um povo inteiro é sempre limitado a um horizonte muito restrito. Não poderia perceber as generalidades e o pouco que vê lhe apareceria muito próximo e de uma forma isolada. É incapaz de se manter dentro das medidas e por causa disso confere a tudo igual importância e a cada detalhe uma importância grande demais. Então, para as coisas do passado, as diferenças de valor e as proporções não existem mais, as quais poderiam fazer justiça às coisas, uma com relação às outras; as medidas e as avaliações das coisas que não são mais feitas senão com relação ao indivíduo ou ao povo que quiser olhar para trás, segundo o ponto de vista antiquado. [...] portanto, tudo o que é novo, tudo o que está em seu devir, é rejeitado e combatido (HV, §3).

O antiquado “só se preocupa em conservar a vida e não em gerar uma nova” (HV, §3). Na leitura de Ricoeur, existe aqui uma “memória manipulada” que move essa “reivindicação de identidade” (RICOEUR, 2007, p.94) fragilizada. Essa fragilidade manifesta-se em um tempo engessado e na violência contra o que desestabiliza certezas imutáveis. O efeito é uma saturação que, como aponta Müller “pode destruir a unidade do querer” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 90), transformando o conhecimento em um entulho que soterra a decisão. Devido a esse excesso, a autoridade da informação dissolve-se em um ceticismo crônico, criando o homem moderno ‘esperto’ e de multitarefas, mas desprovido de sabedoria: “Não acredita em mais nada, mas utiliza tudo o que se lhe oferece para a finalidade limitada do instante. Assim, torna-se esperto” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 92).

Para romper com essa insegurança e com a apatia que se disfarça de tolerância, torna-se vital resgatar o que Nietzsche denomina não-histórico: a força de poder esquecer, de traçar um horizonte delimitado e de excluir a massa de dados irrelevantes. Somente dentro desse

fechamento seletivo é que a vontade recupera sua integridade e a ação pode, enfim, tornar-se possível e autêntica.

A arte do esquecimento

O critério de que Nietzsche se servirá para avaliar e pesar os valores da civilização é a vida: tais valores servem para afirmá-la ou negá-la? Essa preocupação já se manifesta desde a sua obra de estreia, *O Nascimento da Tragédia*, e perpassa seus textos subsequentes. Na HV, ele reitera que os estudos voltados ao passado devem ter como critério a vida: “É a vida, unicamente a vida, essa potência obscura que impele e que é insaciável em se desejar a si mesma” (HV, §3). E, sendo próprio da vida o esquecimento, afirma: “essa mesma vida que tem necessidade do esquecimento” (HV, §3). Para que o homem siga em frente e encare o novo sem temores, é preciso aprender a esquecer, assemelhando-se a um general, a um artista ou a um político: “Nenhum artista poderá realizar sua obra, nenhum general poderá conquistar sua vitória, nenhum povo sua liberdade, sem tê-las desejado e aspirado a elas previamente em semelhante condição não-histórica” (HV, §1). O não-histórico compõe o que Nietzsche denomina como a terapêutica da vida.

O termo terapeuta, do grego *therapeutés*, segundo Naffah-Neto, era entendido no período clássico como aquele que “designa, ao mesmo tempo, o serviçal-escravo, o servidor ou adorador de um Deus e o médico” (NAFFAH NETO, 1994, p. 21). Se o escravo, na Grécia antiga, não era visto como um ser plenamente humano e muito menos como alguém capaz de curar enfermidades, o que isso significa no contexto da HV? O escravo seria aquele que experimentou o próprio sofrimento devido a uma vida cativa e oprimida, obtendo na própria pele a sabedoria para fortalecer-se e não sucumbir à dor dos grilhões e humilhações. Nesse sentido, “o terapeuta designa o escravo livre, aquele que, por conhecer na própria pele as cadeias do servilismo, da doença, e a transmutação libertadora, pode, melhor do que ninguém, servir como guia nessa viagem pelo devir” (NAFFAH NETO, 1994, p. 22). Ele teve de aprender a digerir bem o seu passado por meio do esquecimento.

Quando Nietzsche se coloca como o terapeuta para o mal-estar da modernidade, adoecida pelo excesso de informações inúteis, ele propõe o não-histórico, entendido como “a arte e a força de poder esquecer e se encerrar em um horizonte limitado” (HV, §10). Para o filósofo, a faculdade de esquecer não representa uma falha cognitiva, mas sim uma força ativa e regenerativa, essencial para a saúde do espírito. Ao propor o não-histórico como método

terapêutico, ele sugere que a cura para a paralisia do homem moderno, esse ser sobrecarregado por camadas de memórias, como um polipsesto saturado, reside na capacidade de traçar uma linha de fronteira em torno de si. Encerrar-se em um horizonte limitado é um ato de autodefesa vital: é a decisão deliberada de ignorar o fluxo infinito de dados para que a vontade se concentre em uma direção única. Sem esse “invólucro” de esquecimento, a vida dissolve-se no ilimitado, tornando o indivíduo incapaz de uma ação afirmativa. Assim, a saúde exige que saibamos utilizar o passado para o crescimento, mas exige, sobretudo, que saibamos esquecê-lo no momento oportuno, garantindo que o presente seja um espaço de criação autêntica.

Sem essa força não-histórica, não haveria arte, pois, o artista precisa ‘esquecer’ o mundo para criar sua obra; não haveria vitória militar, uma vez que, o general precisa agir com foco no presente; nem haveria liberdade política, visto que, o povo precisa ignorar cálculos e medos passados para se lançar à ação. Nietzsche reconhece que esse processo não anula perigos. É uma “cirurgia de risco” na qual o médico da civilização requer cautela para não extirpar o tumor de forma brutal: “Os homens e as épocas que servem a vida, julgando e destruindo o passado, sempre e ao mesmo tempo são perigosos e estão em perigo” (HV, §3). Para que o presente não seja asfixiado, não basta ignorar o passado; é preciso, por vezes, arrastá-lo ao tribunal e condená-lo. Este processo é uma autocrítica visceral: ao destruir um passado que nos moldou, arriscamos perder nossas raízes em favor de uma liberdade incerta. No entanto, Nietzsche defende que esse risco é a única via para os que servem à vida, rompendo a inércia do polipsesto histórico para reafirmar a soberania do instante criativo.

Essa destruição do passado não decorre de um ódio gratuito, mas da percepção de que encarnamos fisicamente os equívocos de nossa linhagem. Ao reconhecer que a história é algo que somos, Nietzsche intensifica a aposta da história crítica:

De fato, a partir do momento que somos os rebentos de gerações anteriores, somos também os resultados dos erros dessas gerações, de suas paixões, de seus desvios e mesmo de seus crimes. Não é possível livrar-nos completamente dessa corrente. Se condenamos esses desvios, pensando que nos desembaraçamos deles, o fato de que deles auferimos nossas origens não se suprime. No melhor dos casos [...] talvez cheguemos também à uma luta de uma nova disciplina severa contra o que foi adquirido por herança e pela educação desde a mais tenra idade; implantamos em nós um novo hábito, um novo instinto, uma segunda natureza, de modo que a primeira natureza fenece e cai. É um esforço para atribuir-se, de algum modo a posteriori, um passado, do qual gostaríamos muito de extrair nossa origem, em oposição com aquele de que realmente descendemos. Ora, essa tentativa é sempre perigosa, porque é difícil fixar um limite à negação do passado e porque a segunda natureza é, na maioria das vezes, mais fraca que a primeira. Geralmente nos contentamos em reconhecer o bem sem praticá-lo, porque sabemos também o que é melhor, sem sermos capazes de fazê-lo (HV, §3).

Este trecho revela o caráter dramático da “segunda natureza”: um projeto de reengenharia de si mesmo. Como no polipsesto, onde camadas de escrita se sobrepõem, Nietzsche propõe escrever uma nova narrativa sobre os erros herdados. O perigo reside na fragilidade dessa construção, pois a “primeira natureza” possui uma inércia que frequentemente derrota os ideais lúcidos. A luta dá-se entre o conhecimento e a força vital. O homem moderno, saturado de “esperteza”, frequentemente sucumbe à apatia porque sua herança é mais pesada que seu querer. Assim, o esforço de criar um passado *a posteriori* é a tentativa suprema de liberdade: ousar editar a própria origem para que a vida floresça em solo novo.

A luta entre essas naturezas revela que a força plástica é a faculdade de reconstruir a identidade sob a pressão do que fomos e que se manifesta como o poder de transformar o saber teórico em força prática. O drama moderno reside no abismo entre o conhecimento dos erros e a efetiva capacidade de ação. Para tornar-se um criador, o indivíduo precisa que sua força plástica atue como um metabolismo espiritual, incorporando o nutritivo e expelindo o nocivo. O esforço de atribuir-se um passado só deixa de ser idealismo estéril quando a nova disciplina se torna tão enraizada que a natureza herdada fenece, permitindo que a vida recupere sua integridade: “É preciso ver a si mesmo através de uma multidão de olhares, sobretudo da história, pois o passado continua a fluir dentro de nós em mil ondas; e nós mesmos não somos senão o que a cada instante percebemos desse fluir” (DIAS, 2011, p. 106).

Conclusão

O presente artigo percorreu a densa investigação de Nietzsche sobre a cultura histórica, partindo da premissa de que o homem, ao contrário do animal, sofre pela incapacidade de esquecer e pela lucidez sobre o tempo. Analisamos como a exaltação cega ao passado pode levar a uma diluição do ser, transformando a história em uma doutrinação servil que asfixia o devir. Focamos especificamente no ponto de vista antiquado, que, embora ofereça uma ‘âncora metafísica’ e o prazer das raízes, facilmente degenera em uma preservação acrítica e limitada, capaz de mumificar a vida e combater o novo. Através das metáforas dos palimpsestos e polipsestos, demonstramos como o excesso de camadas interpretativas pode tornar o indivíduo um ‘texto ilegível’, soterrado por informações que enfraquecem a autoridade do querer e resultam em uma apatia insegura. Por fim, apresentamos a arte do esquecimento e a história crítica como métodos terapêuticos fundamentais, onde a destruição do passado herdado e a

criação de uma ‘segunda natureza’ surgem como o esforço supremo de liberdade para que a vida volte a ser um espaço de criação autêntica.

Para futuras pesquisas e atualizações deste pensamento, o diagnóstico de Nietzsche sobre a doença histórica oferece um campo fértil de investigação no contexto da hiperinformação contemporânea. Se na época de Nietzsche o perigo era a erudição estéril das bibliotecas e dos jornais, hoje o desafio se desloca para o acúmulo digital ininterrupto, onde o passado não é apenas lembrado, mas armazenado de forma indelével, dificultando o exercício da ‘força plástica’ necessária para a superação de traumas e erros coletivos. Um aprofundamento possível reside em analisar como a ‘segunda natureza’ pode ser cultivada em uma sociedade que desencoraja o silêncio e o isolamento do ‘não-histórico’, elementos que Nietzsche considera vitais para a saúde de qualquer artista ou povo. Pesquisas futuras poderiam explorar o diálogo entre a ‘ciência soberana’ nietzschiana e os mecanismos de controle algorítmico que, ao mapear nossas origens e preferências, tentam fixar nossa identidade em um horizonte imutável, impedindo o florescimento do devir. A atualização da HV exige, portanto, perguntar não apenas o que sabemos sobre o passado, mas como podemos retomar a autoridade sobre esse saber para que ele sirva, unicamente, como combustível para potencializar a vida no presente.

Referências bibliográficas

- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LEMM, Vanessa. *Nietzsche’s Animal Philosophy: culture, politics and the animality of the human being*. New York: Fordham University Press, 2009.
- MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*. Tradução: Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NAFFAH NETO, Alfredo. *Psicoterapia em busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud*. São Paulo: EDUC/Escuta, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Segunda Consideração intempestiva: Da utilidade e do inconveniente da história para vida*. Tradução: Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.